

*Associação livre*

ANO II, EDIÇÃO III, DEZEMBRO DE 2013

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



*A PESSOA DO ANALISTA*



## APRESENTAÇÃO

2013 se encerra e, nesse mês de confraternizações, apresentamos nossos leitores com o terceiro número de *Associação Livre*. Agradecemos a colaboração de dez colegas: temos nove artigos e uma bela entrevista. Uns têm viés literário, alguns são conversas entre psicanálise e outras disciplinas, há os que falam da clínica e da formação em psicanálise. Nosso muito obrigado a Alexandre Ricciardi, autor das ilustrações que dão um *up* estético ao Jornal. Nosso entrevistado é Paulo Cesar Sandler, autor de expressivo reconhecimento nacional e internacional. Com imensa generosidade e cativante simplicidade, de um jeito pitoresco, inteligente e com delicioso humor ele nos ofereceu 20 páginas de... si mesmo! Esse material será publicado integralmente na Revista Alter. Agradecemos a dedicação de Ester Sandler, parceira indispensável. E acreditamos que a “simpatia” e a admiração por ele aumentarão ainda mais. Inevitável.

*Cíntia Xavier de Albuquerque*, editora-assistente

## NESTA EDIÇÃO

Quase Crônica • **Miriam Estides Delgado** • 3

Palavras • **Daniel Emídio de Souza** • 4

De Fábulas Atemporais e Realidades Passageiras • **Avelino Neto** • 6

Diálogo entre um Psicanalista e um Psiquiatra • **Elias Abdalla-Filho** • 8

A Clínica do Mais ou Menos • **Lenita Maria Junqueira Schultz** • 10

O Homem como Ele É • Entrevista com Paulo Cesar Sandler • 12

Reflexões Sobre a Obra de Dr. Paulo Cesar Sandler • **Carlos de Almeida Vieira** • 20

Fatos e Ficções • **Cláudia Carneiro** • 23

Encontro com uma Jovem • **Ignez Sankievicz** • 24

A Opacidade da Mente • **Isa Paniago** • 26

## QUEM SOMOS

Edição e Revisão  
CLÁUDIA CARNEIRO

Equipe Editorial  
CARLOS CESAR M. FRAUSINO  
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE  
HELENA DALTRO PONTUAL

Ilustrações  
ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico e Diagramação  
JULIANA ALBUQUERQUE  
WWW.JUALBUQUERQUE.COM

Impressão e Apoio  
GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

Diretoria da SPB  
CARLOS DE ALMEIDA VIEIRA, *Presidente*  
MARIA HELENA DE OLIVEIRA CASTRO, *Secretária*  
ANA VELIA VÉLEZ, *Tesoureira*  
MIRIAN RITTER, *Diretora Científica*  
MARIA SILVIA VALLADARES, *Diretora do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,  
filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, FEBRAPSI,  
e à International Psychoanalytical Association, IPA.  
WWW.SPBSB.ORG.BR • SPBSB@SPBSB.ORG.BR  
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

# QUASE CRÔNICA

*Mirian Estides Delgado*

Há um tempo sem chuva. Brasília seca, sedenta. É o que ocupa nossas conversas, nossos corações, nossa pele esturricada. Quando será que vai chover? Então, às vésperas da primavera, escutamos, animados, nossa melhor previsão de chuvas, as primeiras cigarras do ano. E eu me pergunto: por que não temos um festival das cigarras? Uma comemoração da primavera? Por que não homenageamos, solenemente, essas criaturinhas arcanas, que emergem da escuridão chamando a chuva? Talvez, pensando bem, não devíamos falar em homenagem. Não há como parear cigarras, essa alegria, com os notórios homenageados da cidade, com o anacrônico bando de políticos malfeitores que prolongam, despudoradamente, a extinção de suas pobres existências como cracas do dispêndio público.

Mas voltemos. Nesta cidade, as árvores são os personagens principais, não os políticos. Elas passeiam por nossa paisagem. Fazem cenários à aridez da repetição de nossas moradias, blocos de concreto, suavizam o sol, aportam nosso olhar à falta de montanhas. E nos humanizam, fechados em nossos carros, pilotando sobre o asfalto nossas carências e o imperativo do mais-consumo. Sem o verde, as árvores, seríamos um deserto real. Sem falarmos da fuligem irrespirável, que a concentração da insensatez política com que convivemos nos expõe diretamente.

Final de setembro, o planalto arde, pulsa, e elas já sabem a primavera, se dispõem a ela. Estendem suas raízes sob o solo e buscam a água que ainda não vemos. Comunicam às cigarras, protagonistas fugazes de nossa esperança, que já é hora de seu cortejo estridente saudar a chuva que vem chegando. Só a grama, rasteira, não comemora, não sabe, não pode. Abre-alas a sequência dos Ipês e a chuva cai, bem-vinda e novidade sempre.

Testemunhemos a faina magnífica da natureza. Transparente e incorruptível. Ainda bem, porque fundamental, impagável, portanto, realmente cara, caríssima, querida chuva,



queridas árvores, flores, cigarras e passarinhos. Dancemos a chuva sob o som inefável das cigarras. *Vita brevis, ars longa*. Dancemos a vida da qual 80% é água, corpórea e espiritualmente. Regozijemo-nos com a atmosfera amena, acolhedora, que a umidade propicia. A mãe atmosfera de nossos primórdios. Nos encharquemos de nossa liquidez malemolente, plástica, flexível, e floresçamos. Conectemo-nos (é tão irrisória nossa ilusão de autonomia) e cantemos à cidade, que na menor escala é o nosso mundo, augúrios sagrados.

É primavera. Imperdível. Quantas ainda em nossa vida? Mas agora as cigarras estão cantando. Exercitemos nossa singularidade, nossa medida possível de transgressão, de liberdade. Recomeçemos.

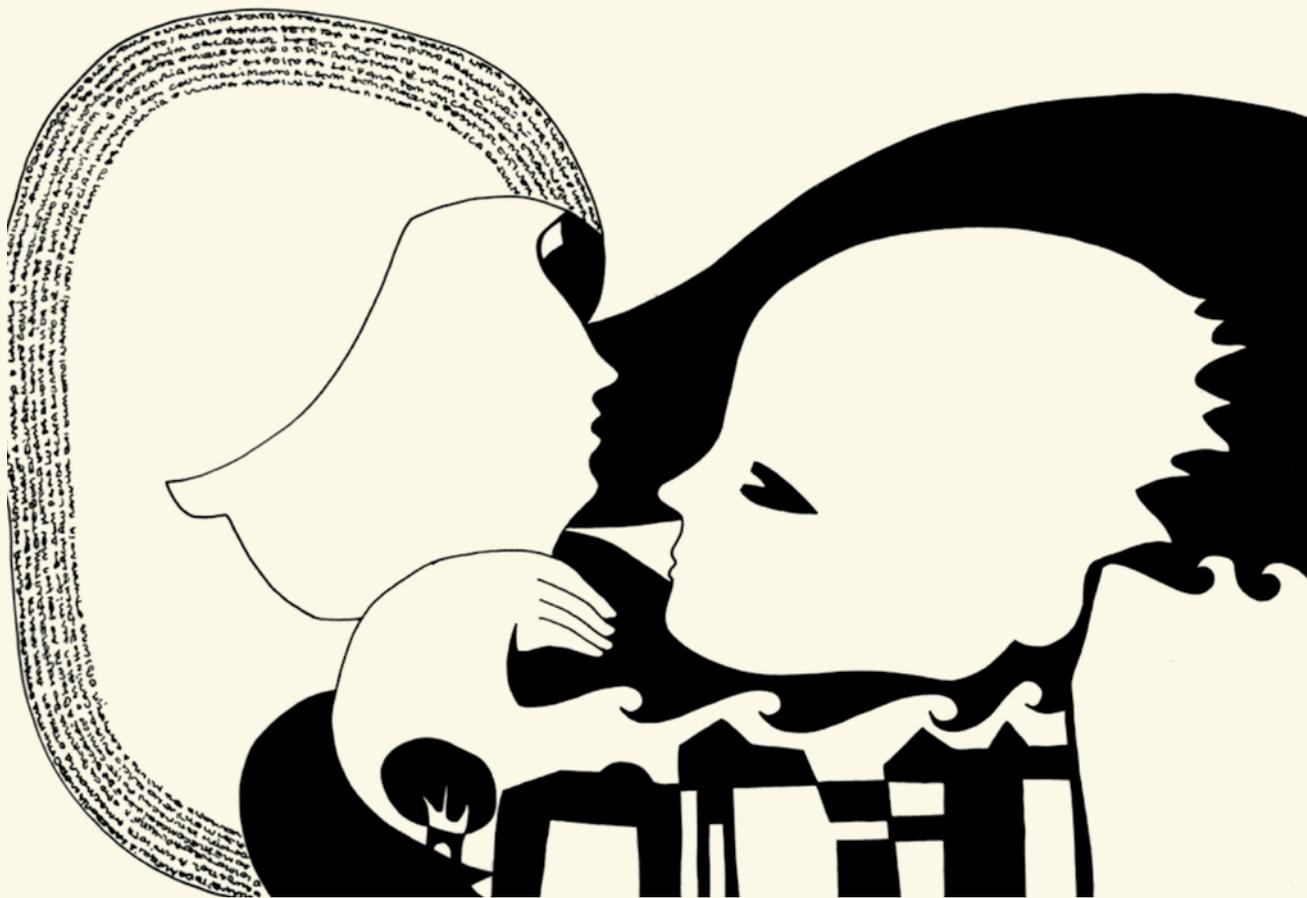


*Mirian Estides Delgado é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da SPB.*

# PALAVRAS

CONTO PUBLICADO ORIGINALMENTE NO LIVRO “VIAGEM AO FIM DO MUNDO” (CONDENSADO)

*Daniel Emídio de Souza*



– Mãe, aprendi lição nova! Lição nova? É! O nome é “ditado”! A professora fala as palavras da escolha dela e a gente escreve no caderno. Ora, lição nova! A mãe continuou a conversa que parecia não ter pé nem cabeça, mas era interessante. O primeiro foi engraçado e alegre. Depois, foi triste. Pedi licença, fui ao banheiro e chorei. Foi só um pouquinho! Ninguém viu, juro! Mas... chorou por quê? As palavras, mãe! E... palavras não são apenas palavras?

Para o menino, não. A sonoridade das palavras adquiria um sentido estético, um tom emocional. Era uma descoberta. Como toda nova descoberta, difícil de ser enunciada. A

mãe achando aquilo estranho, perguntou: Que palavras são essas? O menino se viu importante. Aprumou-se melhor em preparação necessária para os esclarecimentos. A primeira é bonita. Quando eu penso nela o mundo fica amarelado, querendo chamar alegria. É girassol. A outra é beija-flor. É flor e passarinho! Explicou a mãe. Mas o menino vinha hoje com outro entendimento:

Não, mãe! Flor é coisa e passarinho, também! Eu falo é da palavra. A mãe não entendia, mas escutava aquela novidade. O menino abriu o caderno. Queria mostrar as anotações. No canto da página, uma palavra triste e feia

que ele nem queria pronunciar. A mãe preocupada pediu o caderno: Então não precisa ler. Eu vejo no caderno, o escrito. Tomou, apressada, o caderno e viu o escrito no canto da página. *Masmorra*. Concordou. A palavra era mesmo muito feia. Mãe, o que é *masmorra*? Não sei, mas deve ser coisa feia também.

A mãe ficou pensando. Não seria melhor continuar descascando as batatas? Para que ficar buscando o sentido das palavras e das coisas? Ainda sem entender, perguntou: Mas... como pode alguém chorar por causa de uma palavra feia? Não foi por causa de palavra feia! Foi por causa dessa palavra aqui. Mostrou o caderno com mais uma palavra escrita em letras grandes. A mãe não entendeu. Mas o que tem esta palavra de tão triste? Não é triste. É apenas bela a palavra... albatroz. Então o menino ficou de novo pensativo ao pronunciar a palavra albatroz, como se empurrado para outro lugar, para um universo desconhecido.

Encontrar a palavra certa é como encontrar uma verdade. Não sei se há palavra certa! Se ao menos a palavra nos possibilitasse distinguir entre o falso e o verdadeiro, entre a ilusão e a realidade! Não! A palavra, frequentemente, parece ter, muito mais, serventia para dissimular. Falou: um dia vou procurar um livro com todas as palavras do mundo. É que o menino tinha uma ilusão. As ilusões são filhas das nossas aflições. Então, mais perguntou: “Quem conhece todas as palavras, conhece também todas as coisas?” Não era mesmo uma bela ilusão? Depois, perguntou: Mãe, o que é albatroz? Viu só? Mais perguntas! Fazer o quê? Respondeu: Não sei. Acho que é uma ave, uma ave do mar. Uma vez vi um barco com esse nome escrito. Se é do mar, deve ser parente das gaivotas. Gaivotas! Também é uma bela palavra. Tem palavras que são engraçadas. Uma palavra engraçada é *tanajura*. *Tanajura* é um bicho. É uma formiga. Não falo do bicho. Falo da palavra. É uma palavra engraçada.

As palavras têm formatos, cores, sentimentos, textura, sabor, beleza e feiura, vida e morte. O que ele não sabia – ou sabia? – é que não há palavras para todas as coisas! Ou seria o contrário? Não há *coisas* para todas as palavras! Quantos sentimentos não têm palavras e quantas palavras não têm sentimentos! E há as palavras que se perderam no universo dos sentimentos e sentimentos desconectados, perdidos, dispersos no universo das palavras. Sentimentos e palavras se ligam, aparentemente, ao acaso. Depois, quando a palavra é chamada, o sentimento também comparece. Talvez por isto, muitas vezes,

“a boca se recusa, ou não sabe, pronunciar a palavra que o sentimento – o coração – já enunciou”. Algumas palavras são as primeiras, outras são as últimas. As primeiras e as últimas não são muito diferentes. Tratam das angústias do nascer e do morrer. As palavras, fato curioso, também nascem, têm história, dão origem a outras palavras, caem em desuso e desaparecem. As palavras são vivas. Para a nossa alma, as dos poetas. As que nos ensinam, as dos cientistas. Mas o que mais existe no mundo são pregadores e por toda parte são *engana-dores*.

Descansou as mãos sobre as cascas de batatas mais uma vez e deixou-se conduzir nas suas lembranças. O olhar aflito ficou na direção da parede enegrecida pela fumaça que várias vezes por dia se levantava do fogão a lenha. Na ausência de um interlocutor que pudesse ouvir sua preocupação, murmurou sobre o vazio os pensamentos movidos por aquelas palavras. Não são só as palavras. Uma vez, foi há três anos, quando passou por aqui um estrangeiro, um inglês – ou seria um escocês? – esse menino também chorou! Ninguém viu e só duas pessoas conhecem essa história, porque eu precisei falar. Mas não foram as “palavras” do homem. Foi a música. A sonoridade do harmônio era muito triste. O canto era feio, as vozes gritadas e o escocês – ou seria um inglês? – tinha uma fala curiosa, quase engraçada. A música era diferente. Tinha uma força, um peso bem aqui em cima do peito.

Calou-se a mãe. Primeiro, ficou pensativa, preocupada, observando o menino reorganizar a pasta escolar. Ela não sabia – ou sabia? – que também não estava isenta dos efeitos, em si mesma, das palavras, da música e dos sentimentos. Ocupada com as batatas ainda murmurou:

Albatroz! É um nome tristonho e bonito também. Mas... não precisava chorar!



*Daniel Emídio de Souza é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.*

# DE FÁBULAS A TEMPORAIS E REALIDADES PASSAGEIRAS

UM ENSAIO IMPOPULAR\* SOBRE DINÂMICA DE GRUPO

**Avelino Neto**

Há um mito, que minha memória pretende ser de Esopo, escravo corcunda e alforriado de um certo rei grego e que, à semelhança de Sherazade, contava fábulas ao senhor e, assim, ia sobrevivendo.

Supostamente a capacidade daquele rei em entendimentos metafóricos não era parte de seus talentos e assim não alcançava as críticas que lhe fazia o súdito genial, com suas sutilezas fabulosas. Uma delas, a da Raposa e a máscara, ou vice-versa, salvo engano. Uma raposa vê no campo um objeto reluzente e dele se aproxima, com prudente curiosidade. Sentindo-se segura, toma o objeto nas mãos, olha-o pela frente e diz: Ó, que mais bela das coisas! E, virando-o, vê seu verso e proclama: Mas, é vazio!

No entanto, o que mais me interessa é outra fábula, que creio ser a de Zeus e as rãs! Bem, as rãs viviam reclamando para Zeus da falta de um rei, eis que este lhes envia para tal função um toco de madeira que permanecia flutuando no lago que habitavam e de nada lhes servia, pois nada dizia, nada orientava, em nada punha ordem, não estabelecia uma hierarquia, nem castas, de modo que o prevalente eram os impulsos e desejos particulares.

Reclamaram tanto, mas tanto mesmo, que Zeus, em sua absoluta e misericordiosa sabedoria e já impaciente, atendeu aos insistentes rogos daquelas coaxantes criaturas: lançou ao lago um crocodilo de jurássicas dimensões e... apetite!

Sorte nossa não sermos aquelas rãs! Mas, teríamos ao menos um toco de quem reclamar a falta de uma liderança? Um líder, como se sabe, difere de um tirano normatizante pelo fato de respeitar tanto o grupal quanto o particular, com consciência hábil para discernir entre o bem público e o bem privado! Nosso bem público, comum, é nossa Sociedade e seu bem maior, seu instituto de formação de novos psicanalistas. Nosso bem privado, na

verdade o maior deles, são as personalidades com seus subjetivismos únicos!

Que eu me lembre, até hoje tivemos uma única, e que poderia ser exemplar, liderança: a da respeitável e respeitosa tirana esclarecida, Virgínia Leone Bicudo! Mas... se foi.

Contudo, admita-se que o grupo, para sobreviver, não pode ficar contando e esperando por um líder *ad aeternum*! E cria algo semelhante, sem que seja igual: um governo, democrático ou não! Somos exemplo do primeiro e nossas Diretorias têm feito sempre o melhor que podem, desde os tempos em que éramos uma sede do Instituto Durval Marcondes, da Sociedade de São Paulo, criada por aquela tirana da rara espécie de um Péricles. Não fora por ela possivelmente já existisse também aqui um grupo psicanalítico, ou mesmo uma Sociedade de Psicanálise, como há várias em nosso território, criadas não por lideranças, mas por Diretorias. No entanto, termos tido Virgínia como fundadora, atrevo-me a supor que temos um gene pouco comum em nossa federação.

Convém destacar que Virgínia era "apenas" uma assistente social por formação e, por isto, abriu as portas da nossa psicanalítica para leigos. Particularmente, eu jamais a trocaria por uma carteira profissional de psicanalista. Formações e profissões não formam líderes, nem personalidades. Mas, temos de nos virar com o que temos, que são os governos e governantes eleitos e, sobretudo, enaltecer quem se dispõe a nos governar. Pois a tarefa é árdua, e tão mais árdua quanto menos traços de alguma liderança se tenham. É assim que temos caminhado. Se aquela raposa olhasse a fachada de nossa Sociedade e de nosso instituto como simples filiados à reluzente IPA e viesse a nos conhecer por dentro, não creio que tivesse o mesmo espanto de quando olhou o verso da máscara!

Nem pode o grupo, assim penso, recriar

para si o mito de um Messias impossível, mas de certa forma mantido como crença para o grupo sobreviver. Enquanto o Messias não surge, os governos vão se mantendo, alguns se perpetuando sob diversas máscaras políticas. Se algum insano se apresenta Messias, certamente os governantes irão empenhar-se em sua crucificação! Aqui e ali, isto ocorre sob muitas formas.

Minha quase convicção é que nos falta (e não creio que só a nós de Brasília) a consciência clara e constante da falta de um líder, pois sua negação, consciente ou inconsciente, pode trazer muitos e desnecessários desgastes pessoais e grupais. Não estou aqui propondo conformismo melancólico, mas reconhecimento criativo. Embora circunstancial, como qualquer verdade humana, seria uma fonte de vida, ou de oxigênio, como quis Bion, ao comparar este elemento vital com verdades e realidades provisórias. Esclareço: não ser líder não é defeito, bem como ser não é virtude, apenas características de personalidade.

Não antevejo qualquer extraordinário mundo novo com a tolerância vivaz dessa verdade, mas um elemento necessário à nossa sobrevivência como Sociedade promotora de formação psicanalítica. Não necessitamos de um status de extraordinariedade, nem de humildade submissa ou mesmo hipócrita, em relação a quaisquer outras sociedades parentes.

Se as insatisfações e atrapalhos por negação daquela verdade suplantarem a paciência de Zeus, podemos ter nosso ruidoso lago subitamente tomado pelo crocodilo da fábula! E crocodilos, como sabemos, são criaturas silenciosas, que aparentam estar dormindo, não fossem as lágrimas a lhes denunciarem um apetite voraz que saliva até pelos olhos. Estão tão vivos e atentos quanto seus milenares parceiros os tubarões, insones e famintos perenes! Criaturas que pretendem apenas sobreviver, no final das contas.

A propósito, me acode outra fábula, esta certamente de Esopo, cujo conteúdo quero crer permaneça o mesmo, embora a forma e certas transformações inexoráveis de meu tempo estejam presentes, mas não a deturpam, por suposto. Bem, um homem cujo ganha-pão era o pescar imaginou um método e o impôs ao riacho e aos peixes: jogou uma rede de uma das margens à outra e, com uma pedra amarrada em uma corda, pôs-se a bater vigorosamente na água, enquanto remexia com os pés o fundo embarreado do riacho. Os peixes, em desespero, tentavam fugir

e acabavam presos nas malhas daquela rede. Um morador das redondezas, indignado, repreendeu-o severamente, em seu próprio nome e dos demais da comunidade: Não vês que assim nos impedes de beber água limpa? A que o pescador retorquiu: Sim, mas se eu não remexer a água, vou morrer!

Há aqueles que seguem adiante à custa dos transtornos que causam por gozo e prazer. E há os que querem, como nosso pescador da fábula, apenas sobreviver, e as consequências de seus atos são transtornos! Como na Arca de Freud há tanto de uns, quanto de outros, haverá sempre transtornos. Mas, pelo menos até hoje, nenhum desses, e muitos já houve, acabou ou cindiu nossa Sociedade! Deste modo é de se pensar até que ponto, em diferentes momentos de nossa história, há um marasmo grupal, ou governanças ativas que contêm aqueles transtornos e tomam a energia de seus impactos para produzir trabalho útil a nosso desenvolvimento como sociedade científica e formadora.

Para mim, esse discernimento não é fácil, talvez porque haja tempos de marasmo e tempos de vigor criativos, como posições societárias constantemente alternantes, como a alternância interativa PS<-->PD.

Qual desses tempos estaremos vivendo hoje?

O importante me parece, posto que o Instituto é nosso bem maior, que se lembre sempre, em especial quem se dispõe a governar diferenças, que nosso instituto chama-se Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo, e não Instituto de Educação Virgínia Leone Bicudo! Isto pode ser uma bússola, na falta de um líder!

*\*Impopular: adj. Significado: Que não é popular, que não atende aos desejos, aos interesses e conveniências de uma parte da população. Ref. Dicionário Caldas Aulete.*



*Avelino Neto é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# DIÁLOGO ENTRE UM PSICANALISTA E UM PSIQUIATRA

*Elias Abdalla-Filho*

Agradeço ao corpo editorial deste Jornal, não só pelo convite para escrever um texto, como também pela liberdade que me deu para escolher o tema.

O Congresso da Fepal (Federação Psicanalítica da América Latina) de 2014 promoverá o Primeiro Diálogo Latino-americano entre Psicanalistas e Psiquiatras. No entanto, na condição de psicanalista e também de psiquiatra, trago dentro de mim vários diálogos dessa natureza e compartilho um deles com os leitores.

Um tema que vem me instigando muito é a relação entre impulso e lapso temporal. De forma mais específica, eu me refiro ao impulso despertado em alguém como reação agressiva, violenta, a um determinado estímulo provocativo. E esse meu interesse foi surgindo ao longo dos 20 anos em que periciei criminosos que não apresentavam quadros psiquiátricos que pudessem justificar suas ações violentas, mas também não me pareciam pessoas mentalmente sadias.

De forma leiga, entende-se que uma determinada reação só pode ser considerada impulsiva se ela ocorrer imediatamente após sua provocação. Caso contrário, supõe-se que a pessoa teve tempo suficiente para exercer um pensamento sobre o impulso e, consequentemente, ter um controle sobre o mesmo. No entanto, venho desenvolvendo a ideia de que uma pessoa pode reagir com características impulsivas, não pelo fato de não ter tido tempo para pensar, e sim porque, apesar do tempo, não teve condições psíquicas que pudessem proporcionar o verdadeiro pensamento.

A psiquiatria codifica na Classificação Internacional de Doenças (CID), em sua décima revisão, alguns quadros que justificam reações impulsivas de seus portadores. São condições nas quais se percebe de forma mais evidente a presença do chamado impulso irresistível e que recebe atenção e valorização

em uma avaliação pericial. No entanto, não é a essa classe reconhecidamente transtornada que me refiro.

O Código Penal Brasileiro considera como atenuante de uma determinada pena o fato de o autor de um crime ter agido “sob a influência de violenta emoção, provocada por ato injusto da vítima”. Entende-se, nesse caso, uma ação praticada imediatamente após provocação da vítima. Também não me refiro a essa situação.

*O meu interesse maior voltou-se para outra classe de pessoas que examinei. Elas não apresentavam uma condição mental reconhecida como patológica pela ciência da psiquiatria e nem responderam de forma violenta imediatamente após terem sido provocadas. O ato violento foi praticado após um lapso temporal e que, por isso mesmo, não era considerado um ato impulsivo. Em outras palavras, somente o fator TEMPO estava sendo considerado para entender que o agressor tinha podido pensar sobre o que iria praticar e, assim, exercer um controle sobre a sua ação.*

Tratando-se de um laudo psiquiátrico, mas não psicanalítico, não havia espaço para descrever o que eu percebia diante de mim. Eu me deparava com pessoas que não tinham um quadro psiquiátrico, não tinham um CID. No entanto, a despeito do tempo que elas tiveram para pensar, não tinham tido condição psíquica para isso. Elas tiveram SÓ o tempo, o que era um fator necessário, mas não suficiente para poderem pensar.

Enquanto a psiquiatria aborta, a psicanálise aborda essa questão. Ela nos dá elementos para pensar sobre tal situação. Observei, por exemplo, que alguns examinandos ficavam mentalmente paralisados pelo ódio assassino provocado, em determinados casos, pela frustração despertada pela recusa da mulher “amada”. Não conseguiam absolutamente suportar essa frustração. Minutos, horas e dias



se passavam, mas o tempo era só um detalhe. Intolerantes à frustração, não conseguiram desenvolver um pensamento sobre a situação que vivenciavam. Precisavam vomitar, descarregar, evacuar o intolerável. Foram incapazes de se libertar da condição de reféns da violência do ódio sentido. Se isso pode ou não ser considerado um exemplo típico do que seja impulso, essa questão é periférica. O centro da discussão é que a condição psíquica desfavorável tem um ponto em comum: impossibilidade de pensar.

Desse modo, entendo que uma pessoa pode agir de forma muito semelhante ao ato impulsivo, sem condições de exercer o pensamento, refém de uma condição mental precária, ainda que tal ato não seja uma resposta que ocorra imediatamente após um estímulo provocativo.

No entanto, como dito antes, a solicitação judicial é de um laudo psiquiátrico, e não de um laudo psicanalítico. Para se ter uma ideia do conflito e da angústia que isso pode gerar em um perito, houve um colega que, diante de um quesito judicial que indagava sobre a capacidade mental de o acusado responder pelo

ato criminoso praticado, escreveu o seguinte: “psiquiatricamente sim, mas psicanaliticamente não”. Foi alvo de muitas críticas jocosas, mas sua resposta revelou a dificuldade de se afirmar que uma pessoa pode ser julgada como mentalmente capaz de responder pelo que fez quando se tem, concomitantemente, alguma noção de outras limitações, que não propriamente um transtorno psiquiátrico.

Entendo que essa situação exemplifica a necessidade de um diálogo cada vez maior e de melhor qualidade entre psiquiatria e psicanálise e o próximo Congresso da Fepal, a acontecer em setembro de 2014 em Buenos Aires, será uma excelente oportunidade para isso. Fica aqui também a sugestão de a Sociedade de Psicanálise de Brasília realizar alguns encontros preparatórios para esse Congresso, haja vista a existência de colegas psiquiatras em seu corpo societário.

*Elias Abdalla-Filho é pós-doutorado em psiquiatria pela Universidade de Londres e membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# A CLÍNICA DO MAIS OU MENOS

NOTAÇÕES PARA UM ARTIGO

**Lenita Maria Junqueira Schultz**

Abordo, aqui, alguns aspectos que me pareceram importantes a respeito da clínica *borderline*, para meu objetivo de procurar entrar em contato com um paciente. Esta tarefa é sempre difícil, porque não posso estar certa de que me dirijo à parte da personalidade que pode me responder ou ao vazio que integra o psiquismo dessa pessoa que me procura. André Green, na obra *Sobre a loucura pessoal* (Imago, 1988), ressalta que a denominação *borderline* está ainda distante de uma conceituação mais exata. Este autor conclui que, com referência à clínica, a concordância dos psicanalistas alcança um registro aproximado: eles estão “mais ou menos” de acordo. O termo é, conseqüentemente, polissêmico.

Com base na leitura de Freud, por Green, este sublinha que, na neurose, a realidade é reconhecida e, na psicose, não é, ou é substituída. Já o *borderline* parece ter um sistema duplo de funcionamento: em um deles a realidade e o princípio da realidade são considerados e no outro a experiência é uma forma de delírio.

É também significativo o esclarecimento de que, segundo Idete Zimmerman Bizzi (“A clínica *borderline*: da psicopatologia às configurações do campo analítico”, *Revista de Psicanálise da SPPA*, v.17 n.1), há uma classificação comum a vários autores e alguns aspectos básicos foram reconhecidos no que diz respeito aos *border*: fragilidade (do ego); instabilidade (emocional) e tendência à destrutividade, o que, segundo compreendo, se confirma a cada passo do nosso trajeto clínico. É grande o sofrimento destes pacientes, sendo a defesa um ataque ao *self*, levando a uma piora, com sentimentos crônicos de vazio, característicos dessa organização psíquica, que se evidencia à medida que o processo analítico avança.

James Grotstein, analisando a produção teórica de um importante grupo de pesquisadores *border*, encontrou convergências e

divergências, salientando-se aspectos como: sentimentos de solidão, culpa e vergonha, impulsividade, baixa capacidade de socialização, oscilação de sentimento entre amor e ódio, perturbações sutis do pensamento, ansiedade, perversão sexual polimorfa, relações sexuais caóticas. E, ainda: perturbações de identidade, atos de autoagressão física (ameaças e/ou tentativas de suicídio), sensação de buraco, de vazio, depressão, sempre depressão. Estas considerações foram publicadas em seu artigo “Algumas novas perspectivas sobre o *borderline*”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 81, n.1, 1984. Outros resumem ou sintetizam seus achados como uma síndrome variável, ou mesmo, um espectro de distúrbios afetivos.

A referência às perturbações de identidade (formada por identificações múltiplas), nos lembra a importância dessa etapa para o desenvolvimento infantil. As identificações dependem de várias circunstâncias históricas, sociais ou familiares. Reza Armony (*Borderline: uma outra normalidade*, Revinter, 1998) que, quando ausentes estas identificações, surge um vazio interior, no sujeito, que precisa ser preenchido. Tal é a situação do *borderline*, que passa a vida em busca de uma identificação que permita a formação/construção de sua própria identidade.

Para Armony, o *borderline* tem dificuldade em conseguir esta identificação deslizando para relacionamentos superficiais, imitativos, “*herzatz*” ou simulacros. Funciona com o seu falso-*self* (Winnicott) procurando uma proteção contra a ameaça de um verdadeiro encontro. Isto se dá em sua vida de relação com o mundo e na situação analítica, imitando e obedecendo. Por falta da identificação satisfatória, seja com a figura materna, com a paterna, ou com ambas, o *borderline* mantém atuantes formas antigas de relação, comunicação e conhecimento: extrema disponibilidade/capacidade de identificação e

exacerbada sensibilidade empática.

Os *borderline* nos oferecem surpresas, com tantas “qualidades” e características. Portanto, vale considerar Bizzi, que adverte sobre pacientes que, numa primeira avaliação, aparentam ter condições egoicas compatíveis com uma estrutura neurótica, mas, uma vez iniciado o tratamento psicanalítico, mostram-se regressivos e passam a defender-se de ansiedades catastróficas, intensas, mediante um sistema mais primitivo.

Armony denomina essa capacidade de encontro, de interação entre o *borderline* e o “outro”, de porosidade psicossomática. É, nesse caso, “um contato dueto, não mediador”, a identificação dual-porosa.

Com certos pacientes, como o meu, o aproveitamento inicial dessa porosidade, das feridas abertas, levando a uma “relação simbiótica”, foi impedido porque, em sua vida no mundo, ele não conseguiu as “necessárias identificações”, navegando em águas procelosas e difíceis, chegando ao abandono da análise e da analista.

Retornando a Green, questiono quais e como são as fronteiras, as leis e os limites desta patologia. Fronteiras – território de ninguém: estas funcionam dentro e fora. Finalmente, existe uma nublada divisão em algum nível de intersecção. Green acrescenta que, no pensamento *borderline*, quase sempre surgem sinais de uma perversão destrutiva do pensamento, de processo primário.

Nos estudos em pauta, considero a depressão do paciente um dos principais sintomas desse funcionamento “neuroticamente psicótico” e “psicoticamente neurótico”.

Em *Fundamentos de uma Clínica Freudiana* (Casa do Psicólogo, 2001), Luís Carlos Menezes postula que em sua clínica aparecem manifestações de estado depressivo que não se enquadram nas classificações de depressão reativa – consequência de causas externas – e de depressão endógena, fazendo falta uma classificação que reuniria “formações depressivas estruturais”.

Esse autor enfoca a depressividade, embora isso pareça paradoxal, como um estado psíquico propício às elaborações internas da experiência. De tal forma que Klein, esclarece ele, propõe uma posição depressiva – no desenvolvimento psíquico infantil – quando a criança começa a perceber, amar e cuidar do objeto. Claro, isto seria diferente da depressão doença, esta sim, “permeada de angústias persecutórias”. Seria esta a doença do meu paciente.

Há, também, diz o autor, a postulação de

Freud, a “experiência depressiva do luto”, com fundamentos mitológicos e que seriam a gênese dos vínculos sociais, culturais, morais e religiosos, importantes para a inserção social do sujeito. Assim, é no terreno relativo a perdas que se situa, psicanaliticamente, a base do tema da depressão. Que perdas seriam essas? Podemos inferir sua natureza, a época em que foram vividas, mas não quais. Mas a psicanálise denuncia a ambivalência com respeito ao objeto perdido, teoricamente, como a causa de toda a depressão. Freud pôde, em sua autoanálise, identificar, nos sonhos, desejos de morte direcionados aos entes queridos: família, pais, irmãos entre outros.

Segundo Menezes, a condição do EU – primeira identificação narcísica e, mais tarde, constituição da identidade – é permeada de fantasias de amor e ódio na instauração/internalização de conceitos contrários como fora e dentro, o eu e o outro. A observação de crianças e psicóticos foi básica para o desenvolvimento dessa matriz psicanalítica. A depressividade e a depressão não são motivadas apenas por perdas importantes, mas, também, pelas tensões destrutivas aí iniciadas ou relativas às suas próprias produções psíquicas, no ódio a si mesmo, perdendo, muitas vezes, seu elo com a realidade.

Finalizo como um chamado aos aspectos psicossomáticos. Segundo Grotstein, uma possível fonte de dificuldades do *border* tem sido cogitada por alguns autores, por exemplo Aadrulonis, como uma “disfunção cerebral mínima”, que provoca programas de desenvolvimento alterado com falhas em certas situações especiais: pressão de concorrência entre pares, na escola, trabalho e outros. Este estado, quando permanente, poderia ter um efeito na tendência do *borderline* em fracassar profissional ou ocupacionalmente, também nas relações interpessoais.



Lenita Maria Junqueira Schultz é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.

# O HOMEM COMO ELE É

ENTREVISTA COM PAULO CESAR SANDLER • Cláudia Carneiro e Carlos de Almeida Vieira  
Colaboração de Carlos Cesar M. Frausino



Paulo Cesar Sandler e seu cachorro Tampinha

O psicanalista Paulo Cesar Sandler, tradutor da obra de Wilfred R. Bion, professor e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), acaba de lançar no Brasil a série de três volumes *A clinical application of Bion's concepts* (Karnac Books), no rastro de seu portentoso dicionário *The Language of Bion*, sucesso de vendas no Brasil e no exterior, onde está na segunda reimpressão. O homem que revela uma intimidade profunda com o pensamento de Bion – e priva da amizade dos filhos e da viúva Francesca Bion – nunca o conheceu. Nesta entrevista, tão gentilmente a nós concedida, Paulo Cesar Sandler fala de sua vida e formação, suas origens, a amizade e influência do pai, a aproximação com a obra de Bion, a relação com Virgínia Leone Bicudo. Nas entrelinhas, descobre-se um homem simples, divertido, e de singular sinceridade, como ele é.

Pode nos falar de sua formação e do que o conduziu a campos específicos de estudo, em psicanálise e além dela, como se constata em sua obra de sete volumes sobre a apreensão da realidade psíquica?

Agradeço pela oportunidade e espero que minhas respostas possam ser úteis a alguém...pois tenho um tipo de receio, meio parecido com aquele descrito nas “aventuras” de um personagem imaginário, “Astérix, o gaulês”, criado por uma dupla de cartunistas franceses, Uderzo e Goscinny. “Astérix” e seu pequeno grupo imaginário de “gauleses indômitos” mais temiam era de que o céu caísse sobre sua(s) cabeça(s).

Parafrazeando esta história em quadros: o que mais temo é que meu trabalho resulte em perda de tempo para eventuais pacientes e leitores.

Tempo: único bem não renovável, quase insustentável por imaterialidade, embora eterno enquanto dure, em eterna combustão, onde o comburentes somos nós mesmos. Por trabalho, entendo o que tentei e ainda tento fazer em casa; no consultório, há 40 anos; no Instituto de Psicanálise da SBPSP, há 15 anos; e há dois anos, no Hospital de Reabilitação Física da Faculdade de Medicina da USP. E nas minhas tentativas em compartilhar algo destes trabalhos, através da escrita.

Creio que adquiri este temor depois de trabalhar no hospital psiquiátrico dirigido pelo Dr. Mario Yahn. Admitia jovens estudantes em seu hospital; observando seu enorme entusiasmo pela psicanálise e ausência de espírito crítico relativo ao que achavam que era psicanálise, alertou: “Vocês vão ficar três, quatro anos com os pacientes e depois vão descobrir que os fizeram perder seu tempo”. Coincidiu com o fato de ter ouvido anedotas na escola médica: “Neuróticos erigem castelos no ar; psicóticos habitam neles; psiquiatras co-

bram o aluguel”. Ou, “cirurgião é uma pessoa acordada que trata de uma pessoa dormindo; anestesista é uma pessoa semi-dormindo que trata de uma pessoa dormindo; psicanalista é uma pessoa dormindo tratando de uma pessoa acordada”. Liguei tudo isto para construir meu temor: não queria saber de nada com uma psiquiatria e uma psicanálise deste tipo.

Analogamente àquela paciência necessária para submeter-se a uma psicanálise, diz-se que para se tentar escrever, paciência é necessária. Pelo menos idêntica à dos leitores. Daí, o nome “paciente”. Igualmente, poderia se chamar analistas de pacientes. Penso que psicanálise é filha da medicina; alguns filhos ultrapassam os pais; sua possibilidade de maior alcance parece-me residir na demanda de que todo psicanalista sempre seja paciente!

Pode ser que minha referência sobre histórias em quadrinhos – um gênero de artesanato literário geralmente considerado “inferior” pela *intelligentsia*, como a literatura policial – soe estranha. Ou deslocada; ou extemporânea. Ou não, se for considerada como um tipo de mito pessoal meu que expressa duas capacidades: liberdade e receio.

Estou tentando responder à pergunta com algo que, gostaria, fosse consistente, sobre minha formação psicanalítica. Indivisível da formação que me foi dada pela oportunidade de receber vida, muito antes do que eu possa me recordar. E que, creio, influenciou-me, ou tornou necessidade imperiosa que eu, décadas depois, tentasse escrever a série sobre *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Porque você escreveu isto? Não sei. Afinal, alguns deixaram subentendido: porque você perpetrou isto?

Venho de uma família de migrantes originária de região que nunca foi estado político: Bessarábia, uma região do tamanho de Alagoas - creio que esta associação veio porque estou pensando no Carlos Vieira à medida que vou respondendo. Entre o Rio Danúbio e o Rio Dniester, compreende parte do que se chamava Valáquia, um corredor multiétnico que abrigou muitos invasores: sármatas, cimerianos, celtas, romanos, gregos, godos, ostrogodos, rumenos, poloneses, magiares e turcos. Alguns deles, dominados pelo Império Otomano, chegaram à Áustria, onde o nome Sandler indica um andarilho, aquele que veste sandálias.

Meu Avô materno, Salomão, nasceu em aldeia primitiva e segregada, incendiada várias vezes, chamada Iedenitza (ou Yede-

netz), naquilo que então se chamava Rússia. Comercializava cavalos. Aquele que um dia seria meu Avô paterno, Luiz, nascido em uma cidade maior, Bar, colocava ferraduras nas patas destes mesmos cavalos - o que selou sua amizade na adolescência: Luiz era primo-irmão da esposa de Salomão, Sara.

Farto de violências sociais e assassinio institucionalizado – o último pogrom havia sido em 1903 –, Salomão achou que poderia vir para um lugar em que pessoas dispostas a trabalhar seriam livres... Deixou sua família – a esposa, Sara, e dois menininhos – “no Rússia”. Salomão aportou em Santos em 1909, logo “subindo” para São Paulo.

Enquanto Salomão, meu futuro Avô materno, “ganhava a vida” no Brasil, Luiz, meu futuro Avô paterno, foi convocado pelo exército czarista. Aos 20 anos, foi servir no front oriental. Até seu falecimento não conseguiria mais dormir em paz. De olhos entreabertos, sonhava com companheiros mortos na trincheira, onde “nada de novo (a não ser morticínio) ocorria”.

O que era o azar de um, podia ser transformado em sorte do outro. Bion, que também lutara nesta mesma guerra, em outro front, chamou isto de “transformações”. O ferreiro Luiz acabou sendo o maior responsável para que os planos do comerciante Salomão pudessem ser, finalmente, bem sucedidos. Sua formação militar inopinada permitiu-o encaminhar sua prima-irmã Sara ao Brasil. Em janeiro de 1919, Sara reencontrou Salomão, depois de uma espera mútua de dez anos.

Luiz enfrentava problemas insolúveis em Iedenitza. Sua numerosa família não queria sequer pensar em vir para um país onde, ouviam falar, havia cobras e índios nas ruas. Foi o único que resolveu vir para onde sua prima e seu amigo já estavam. O filho mais velho de Luiz, meu futuro Pai, nasceu em 1920. Luiz o chamou de Jayme, o que no dialeto iídiche falado por Luiz simbolizava “vida”. Os poucos irmãos e sobrinhos de Luiz, quase todos foram parar em Auschwitz. Os primos que ficaram na região do Dniester desapareceram naquele corredor que sacrificou pelo menos 10.000.000 de almas, nas idas e vindas dos exércitos russos e nazistas. Cresci sabendo que éramos os únicos Sandler em São Paulo.

Fez parte de minha formação o fato meramente casual de provir desta família de migrantes, cujo comportamento incluía, acima de tudo, ajuda mútua.

Tive casa e comida, coisa que faltou a meus avós, e a meu Pai, no final de sua adolescên-

cia. A despeito das condições financeiras, meu Pai formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro. Para não passar fome, alistou-se no corpo de oficiais da reserva. Convocado para a campanha da FEB na Itália, foi parar no hospital antes disto, ferido à bala de fuzil em exercícios de guerra. Sete anos depois (1952) iniciou formação analítica na primeira turma de psicanalistas em São Paulo formados sob critérios de uma IPA ...hum... ainda criteriosa.

Meu Pai mostrou-me que Medicina, Freud, Shakespeare, Goethe, Beethoven e a língua inglesa existiam. A não ser em Medicina, aprendeu tudo isto por ele mesmo. Depois descobri que um certo autodidatismo é necessário para qualquer atividade prática. Dele depende o “olho clínico”.

Minha formação inclui contatos com aquilo que depois aprendi ser “preconceito”, forma maior que assume a mentira. Aos 6 anos, na escola primária, ouvi falar de uns tais de “judeus que nasciam com chifrinhos” na própria testa. Fui perguntar o que era isto para minha Mãe, que contou a meu Pai e deu o maior forrobodó na escolinha. A partir daí, meu Pai passou a comemorar apenas uma data religiosa: reunia os primos e contava a história de um tal de Moisés que além de governar as ondas de um mar, era uma pessoa que não recebia ordens de ninguém, “nem mesmo do faraó”.

Aos 9 anos enfiei uma ideia na cabeça que depois descobri como teimosa e medrosa: preferia que ele não mais pagasse meus estudos. Resolvi entrar em um colégio de estado. Pode ter sido alguma intuição, ou terror infantil edipiano: pensava continuamente, de modo aterrorizado, que meu Pai poderia falecer cedo e que eu precisaria “me virar”.

Dois anos depois, Papai “caiu doente”, como dizia minha Mãe. Foi operado de urgência por um amigo, David Rosemberg. A não ser por este temor, creio que tive uma infância feliz. Sete anos depois, a sorte sorriu de novo e entrei em universidade pública, nos tempos em que estas eram consideradas muito boas. Sobre ele falecer cedo, isto ocorreu, mas por sorte ainda demorou dezoito anos depois desta cirurgia!

Sobre meu primeiro amigo, meu Pai, acrescento que jamais tive o indômito espírito pioneiro e a capacidade amorosa que o caracterizou; nem a de meu Avô, um tipo de faz-tudo e conserta-tudo. Acho que eles amavam o que faziam. Muito tempo depois descobri que amavam o que era verdadeiro. Um dia meu Pai me falou, “as crianças não men-

tem, a não ser que as ensinem; e algumas, nunca aprendem!”. Acho que as comparava com adultos. Aos 4 anos, tive minhas amígdalas arrancadas, cirurgia da moda; quando consegui falar, perplexo, perguntei: “Mãe, porque estou sofrendo tanto?” Fiquei muito interessado na anestesia e achei que o médico, Dr Medicis, era um grande amigo.

Nunca pensei realmente em fazer nada que não fosse Medicina, mesmo que não soubesse patavina do que seria isto. Contribuiu bastante o fato de que um de meus primos, Eduardo Berger, entrou na mesma Faculdade que eu sonhava entrar. Com ele aprendi a maior parte da pequena medicina que fiz depois. Devo a este primo o fato de ainda estar vivo – ele diagnosticou meu primeiro câncer e operou-me de uma apendicite supurada...aos 60 anos! Procurado por toda a família, ainda operou minha mãe, uma tia e sua própria filha.

A formação médica que recebi limitou excessivamente acesso a informações de cunho histórico e filosófico. Nos anos oitenta, descobri a origem do termo “humano”, através do meu melhor guia para estudos humanísticos: uma obra de Bion, *Uma Memória do Futuro*. Onde existem duas referências à obra de Vico. Procurando a fonte, soube que o termo “humano” provém de “húmus”, a matéria putrefata misturada com terra que envolve cadáveres. Humano quer dizer: aquele que vira cadáver, aquele que morre.

Ou seja, todo mundo.

Antigas *intelligentsias* acharam-se pináculos do desenvolvimento; autodenominaram-se “homo sapiens”. Vou parafrasear uma parte do discurso de um ex-prefeito de Hamburgo casado com uma psicanalista, Von Dohnany. Na cerimônia de abertura do primeiro Congresso de Psicanálise (1986) em solo alemão no pós-guerra, disse que “nós, alemães”, sempre falamos “nosso Freud, nosso Bach, nosso Einstein” e que “precisamos então dizer, nosso Hitler”. Minha paráfrase de natureza biológica, e não apenas étnica para nós, é que somos “homo sapiens e não-sapiens”: “para cada Freud, temos pelo menos um Stalin”.

Muitos daqueles que se convenceram de que somos apenas “sapiens” brandem o argumento de que conseguimos nomear tudo: coisas, pessoas, eventos. Nomeamos coisas sobre as quais não temos a menor ideia do que sejam. Nomeamos, inclusive, coisas que não existem. E coisas que podem vir a existir, sem ainda poder saber se um dia se-

ção conhecidas ou existirão. O que diminui a chance destas coisas poderem ser melhor nomeadas, ou seja, que correspondam com algo que existe na realidade. Um bom exemplo disto é a palavra humano!

A criança e adolescente que fui conheceu, mais ou menos superficialmente, quase todos os fundadores da SBPSP - à exceção de um. Eu não fazia a menor ideia do que era psicanálise, mas meu Pai dizia “dever muito” a um Dr. Schlomann, seu primeiro analista. De vinte a trinta anos depois, conheci estes fundadores de um modo mais ou menos abrangente e profundo. Principalmente dois deles, por ter me submetido a supervisões e contatos prolongados: Virgínia Bicudo e Frank Julian Philips.

Fui fazer alguma coisa parecida com aquela que achei que meu Pai fazia, também devido ao amor que ele parecia ter por mim e eu por ele. Fez parte de minha formação o fato de minha mãe tocar piano de ouvido. Tentei jogar futebol e basquete, e tenho certeza de que sempre fui o pior dentre os menininhos, mas fiz uma certa carreira como catador de bola.

Fez parte de minha formação tentar ganhar um dinheirinho com 13 anos, dando aulas para criancinhas e uns poucos colegas de classe, daquilo que eu não conhecia direito, como aritmética, geografia e hebraico. Um destes colegas, Laerte, involuntariamente, agiu em minha formação: através dele, acabei fazendo, por seis anos, um trabalho em jornal diário de grande circulação - Folha de São Paulo -, escrevendo colunas semanais sobre assuntos usualmente considerados abstrusos pela *intelligentsia*. Entrei em 1963, escrevendo sobre a vida das formigas. Passei por filatelia. Desemboquei em paixão infantil que permanece, de uma geringonça chamada “automóvel”. Achei que jornalismo era um excelente modo de “ajudar pessoas”, por compartilhar informação e educação.

Uns repórteres tomaram-se de cuidados por mim. Achavam que eu dava para a coisa. Tentaram me ensinar como se “fabricava notícia”. O contato com a mentira me fez fugir espavorido do ambiente. Meu refúgio, em 1969, foi o segundo ano na escola médica. Afinal, se descobríamos um fígado, ou hepatócitos, ou um sarcoma, não havia nenhuma possibilidade de dizer que aquilo era outra coisa que não um fígado, hepatócitos ou um sarcoma. Concepções e conceitos eram baseados na realidade, não na mera visão pessoal do investigador, por mais maravilhosas que lhe parecessem suas próprias ideias.



O que me motivou a procurar uma análise? Dificuldades na vida, uai - estava pensando em me casar. Aos 24 anos, residente em psiquiatria, minha amada concebeu nossa filha, Daniela, algo que me impulsionou com velocidade supersônica a uma análise.

O primeiro que procurei era amigo de meu Pai. Famoso por sua inteligência e erudição, praticamente me expulsou de seu consultório, ao saber de minhas limitações financeiras. Fui perguntar a meu Pai o nome de alguém. Nem pestanejou: “Deocleciano Alves. Acho que ele é o analista mais criativo da Sociedade”. Com quem me submeti, anos depois, a uma “segunda análise”. Entre estas duas, tive contato, em termos de “análise didática”, com D. Judith Seixas de Carvalho Andreucci, como ela gostava de ser chamada! Outra vez, indicação de meu Pai, que novamente não pestanejou: “Acho que ela pode te ajudar: na minha opinião, é a pessoa que lida melhor com psicóticos na Sociedade”. Analistas daquela época eram bem considerados caso pudessem examinar seus aspectos ligados à posição esquizoparanóide. Ela mostrou-me que ninguém conhece melhor um filho do que a Mãe. Impossível dissociar a paternidade de minha formação, muito ajudada por Daniela e Luiz, que nasceu em 1976.

Nessa época, estava muito sob efeito da ideia “de jerico”, como dizia Nalva, uma empregada nordestina de quem me afeiçoei quando pequeno, de que todo mundo ajuda-

va todo mundo. Pensava que ajuda mútua, cordialidade e bem-querer era coisa que todo mundo fazia e queria. Isto me impulsionou para trabalhos voluntários e para editar periódicos, além da fascinação por medicina e psicanálise, que me pareciam bons modos de ajuda mútua. No entanto, durante estes anos, sofri um sem número de sequestros de muitos modos em função disto, até chegar a um sequestro abertamente criminoso, na época em que este atentado à vida virou moda e comércio no Brasil.

Fiquei três dias em cativeiro até poder “negociar” minha saída: não possuía a quantia que eles exigiam, mas no final, por razões desconhecidas, aceitaram uma quantia, para mim enorme, quatro vezes menor, já que não conseguiram negociação útil – para eles – com minha família. Um dos bilhetes foi recolhido por outra pessoa, antes que minha família chegasse no local. Propus que entrássemos juntos no banco onde eu tinha conta, e eles aceitaram. Por pura sorte, saí quase ileso; acabei não entregando a quantia combinada. Os criminosos levaram-me à agência, mas recusaram-se a entrar comigo, “na hora H”. A esperteza deles poupou-os, além do meu dinheiro, de uma prisão: o banco estava pleno de policiais, graças a acordos entre a delegacia antissequestros e banqueiros.

Espero ter aprendido a lição, mas ainda é cedo para ver se isto influenciou minha mal-acabada formação. Gostaria de acrescentar que minha formação, acredito, tem sido extensamente influenciada pelo contato continuado com Antonio Sapienza, minha esposa Ester, Francesca Bion e, até quase seu falecimento, Odilon de Mello Franco. Infelizmente, não posso falar o nome de meus pacientes...

**Como foi a aproximação com as ideias de Bion e como tornou-se tradutor de sua obra? Chegou a ter uma relação pessoal com ele?**

Foi a pior aproximação, em 1974, seguida da melhor aproximação, em 1981, onde pode-se ver que amor e ódio são duas faces diversas da mesma moeda. Estava iniciando minha primeira análise. Havia lido, uns anos antes, um livro de Michael Gold, *Judeus sem dinheiro*. Avisava sobre o perigo de erigir e seguir líderes messiânicos, a nocividade de qualquer idolatria política, sempre delirante. Contava as desventuras de judeus desesperados e por isto piedosos em New York, que importaram um falso rabino. Achei que os psicanalistas, quase todos amigos de meu

Pai, estavam se comportando deste modo com um tal de Bion.

Onde ia este homem - Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo - iam quase todos os analistas da época. Meu Pai servia de intérprete simultâneo em algumas supervisões – como já havia feito com o Sr. Philips. Ele era um dos poucos analistas daqueles tempos que possuía domínio da língua inglesa.

Lembro-me da reação de Deocleciano com meu comentário cri-crítico (vindos de um “cricri” – os da época recordam-se desta gíria) de quem não tinha nenhuma prática nesta experiência – estava mal começando minha análise com ele. Em Brasília, Papai foi hospedado por Luciano e Terezinha Lírio. Houve um momento em que questionei minha analogia: meu Pai voltou munido de dois livros de Bion, assinados pelo próprio autor. “Você poderia me conseguir alguma noção de matemática, sobre a teoria das funções?”.

Papai sabia de que eu estava me dedicando à estatística, como parte da minha dissertação de mestrado em Medicina, ligada à Psiquiatria Comunitária. “Por que?”. “Meu filho, Bion está dando a maior contribuição para a psicanálise desde que Melanie Klein morreu. Uma contribuição científica. Ele está meio revoltado com esta coisa de interpretações sem sentido, aleatórias, tudo ao gosto do freguês. Preciso aprender alguma coisa sobre a teoria das funções, pois este livro dele fala sobre isto. Você pode me ajudar?”. Assim era meu Pai...ou seja, minha visão de idolatrias em relação a este tal de Bion sofreu um estremecimento e a análise com Deocleciano mostrou-me algumas características minhas – que achei péssimas - que estavam entrando na visão anterior.

Entrei no instituto em 1978, e achei melhor não ir às palestras de Bion: achava que se tratava de pós-graduação em psicanálise e que eu precisava começar com Freud. “Como ele já veio três vezes, na próxima eu vou!”. Estava enganado: havia muito Freud na obra de Bion; ele faleceu no ano seguinte – coincidentemente, um mês depois do falecimento de meu pai, na Inglaterra. Os dois tiveram contato naquela época. Foi a primeira vez que percebi a falácia da inferência. Em 1981, tive a sorte de escolher Felix Gimenez como monitor para a obra de Bion. As aulas de leitura atenta dele – muito parecido com as aulas de Virgínia Bicudo – sobre *Second Thoughts* causaram-me o seguinte sentimento:

“Nossa, porque eu não li isto aqui antes de atender psicóticos?”

Eu tinha razoável experiência de atender

pessoas assim qualificadas – trabalhava há onze anos no Instituto Aché, sob a direção de Mario Yahn e Waldemar Cardoso, dois dos maiores, embora silenciosos, impulsionadores da SBPSP em seus primórdios.

Em dois anos, li tudo que Bion tinha escrito. Uma obra dele causou uma espécie de vórtice na minha mente, que prossegue até hoje: *Uma Memória do Futuro*. Descobri que os livros – eram três – não haviam sido objeto de tradução. O que mais me impressionava, e ainda impressiona, é a ajuda destes livros na clínica, no atendimento a pacientes.

Foi assim que resolvi traduzi-los, para meu próprio uso. Por respeito a colegas, fazia questão de não traduzir livros já traduzidos por outros, até 2002, quando Jayme Salomão demonstrou-me a necessidade de fazê-lo – ele mesmo, o primeiro tradutor de Bion no mundo! Convidei alguns colegas para fazerem o trabalho em conjunto. Todos recusaram. Procurei analistas estrangeiros que pensava serem experts em sua obra, como Hanna Segal, Betty Joseph, Meltzer (ainda guardo a correspondência que mantive com eles), cuja reação foi igualmente negativa. Apenas quatro me incentivaram: Virgínia Bicudo, José Longman, Cecil Rezze e James Grotstein. Já tinha experiência como tradutor de artigos em psiquiatria social, pois trabalhava na Faculdade de Saúde Pública da USP. Procurei então Frank Philips, com o qual tinha excelente contato, que me desaconselhou de fazê-lo: “Você vai fazer um péssimo serviço. Os analistas precisam aprender inglês. Se você faz a tradução, ninguém vai aprender inglês!”. Questionei-o, “Mas o Sr. participou de uma equipe de tradução, de um livro de Bion!”. Caracteristicamente, replicou: “Eu não devia ter feito isto.”

Procurei o British Council, pois a tradução mostrava-se difícil, e apelei para a pessoa para a qual Bion sempre dedicava suas obras, sua viúva, Francesca Bion. Ela e o British Council deram a ajuda que faltava: arranjei duas excelentes amigas e terminei a tradução.

Portanto, nunca conheci Bion. Posso dizer que conheço, com certa intimidade e indubitável amizade, sua esposa, suas filhas – uma delas, precocemente desaparecida – e seu filho, médico intensivista de renome. A influência e estímulo de Francesca Bion em minha formação é impossível de ser descrita, embora eu tenha tentado em todos os meus livros publicados no exterior.

O dicionário de conceitos *The Language of Bion* (Karnac Books), de sua autoria,

tornou-se obra de referência mundial, traduzido para várias línguas. James Grotstein afirmou ser o livro de cabeceira dele. Teremos tradução para o português?

Não sei bem como estão as traduções, e sequer se foram iniciadas. Sei que a Karnac foi procurada por algumas editoras e psicanalistas ligados a elas – no Brasil, Espanha, França, Rússia, Israel e Japão, para aquisição de direitos de tradução. Em Israel, esbarrou-se no fato de que quase todos leem inglês. Também sei que cerca de 800 universidades norte-americanas compraram o livro para suas bibliotecas, que foi catalogado na National Library of Congress; e umas 600 na Europa e Ásia. Hoje na segunda reimpressão, é certamente é meu livro mais vendido. Devo ao Carlos Gioelli a ideia inicial de fazê-lo. Cassio Rotemberg, consultando a Amazon, descobriu um exagero consumista da sociedade banalizada na qual vivemos: uma livraria está pedindo mais de 1.200 dólares por um exemplar de capa dura, da primeira edição.

Sobre sua nova obra lançada no Brasil pela Karnac Books, a série *A clinical application of Bion's concepts*, houve critérios específicos na escolha dos temas abordados nos três volumes?

Sim! Tentei escolher os conceitos onde havia maior dificuldade de apreensão, e conseqüentemente, de uso clínico – para mim, psicanálise é o atendimento a pessoas que sofrem por não poderem tornar-se elas mesmas. Vítimados por leituras individuais e tendências idealistas, cada um parece achar que Bion falava a coisa que mais apetece a este “cada um”. Acabei concluindo que a escrita de Bion, totalmente compactada e condensada, muitas vezes apelando para construção de aforismos, e também para a experiência clínica do leitor, resultou em dificuldades. Francesca Bion – que me parece ser a pessoa que mais conhece a obra de seu marido – ilumina o assunto em seu prefácio para *Bion in New York and São Paulo*.

Com a instalação da Karnac Books no Brasil, você terá uma função na editora inglesa?

Talvez as melhores coisas que nos acontecem, acontecem por acaso e inesperadamente. Pelo menos esta é a técnica que Ester, mãe de meus filhos, utiliza quando viajamos... Creio que o bom relacionamento com Oliver Rathbone foi responsável pela procura de

conselhos de minha parte, quando ele teve a ideia de se instalar no Brasil. O mercado europeu está estagnado...Ouvii tudo que eu tinha para dizer, consultou outras fontes e acabou formulando o convite para que eu, até então mero conselheiro, conduzisse o processo como Editor Assistente “at large”, à distância, como eles dizem. Um de seus planos é publicar autores brasileiros. Como uma editora sobrevive de lucros, pensou que a primeira obra que publicaria seria o *Dicionário*, pelas excelentes vendas, tanto aqui (em torno de uns 600 exemplares) como no exterior, onde está na segunda reimpressão.

O XXIV Congresso da Febrapsi debateu o *Ser contemporâneo: medo e paixão*. Bion chamou-nos atenção para a pessoa do analista. Medo e paixão do psicanalista podem obstruir a função precípua da psicanálise, a apreensão da realidade psíquica?

Bion usou uma metáfora onto e psicogenética originada da herança de Darwin na obra de Freud, para observar, uma vez mais, que medo, ou, na linguagem de Klein, angústia de aniquilamento, é fator básico na, e da personalidade humana. Pode-se dizer contemporâneo, pois faz parte da vida, e não há vida que não seja contemporânea. Creio que não há nada de específico ou especial para o dito homem moderno em relação a medo, este nosso contemporâneo transcendental: Paradoxal bom conselheiro e mau guia, teu nome é Medo. Paixão é nome mais problemático, quando elevado a conceito; creio pertencer à psicologia acadêmica, interessada apenas no sistema consciente. Se o termo for utilizado para uma das dimensões da interpretação psicanalítica, como o fez Bion em *Elementos de Psicanálise*, começa a adquirir significado psicanalítico útil – por incluir o sistema inconsciente. Vincular *medo e paixão* implica em algo já conhecido no movimento psicanalítico e na teoria psicanalítica. Não consigo perceber que haja algo além do que Freud observou em vários estudos, como *Totem and Taboo*, *The Future of an Illusion*, *Group Psychology and Ego Analysis*, *Civilization and its Discontents*, e mesmo nos inacabados, como *Moses and Monotism*: ou seja, não consigo perceber que o ser humano tenha algum dia sentido menos medo ou tenha tido menos paixão, ou mais medo ou mais paixão.

Além de psicanálise e suas relações com filosofia, física, matemática e arte,

você escreve sobre estrelas do mundo automobilístico, como o Fusca e o Porsche. Trata-se de paixão, como também a música?

Sim! Desde, pelo menos, meus 4 anos de idade. Vocês bem sabem, há pessoas que “nunca crescem”, pelo menos em alguns aspectos. A história desta descoberta tecnológica – motor à explosão movimentando geringonças de transporte terrestre, naval e aéreo – parece-me sintetizar história social, econômica e psicológica. Tentar descrever como isto se dá tem me fascinado; são histórias humanas.

E música, para mim, equivale a oxigênio. Quando fui sequestrado, os sequestradores colocaram uma câmera e um alto-falante na cela sem janelas do cativo. Depois de um dia, repleto de música ruidosa de alguma FM, perguntei a eles se não poderiam colocar na Rádio Cultura. Comentaram: “Ah, o Sr. gosta de música clássica, não é?” Eu os tratava de senhores e eles responderam na mesma moeda. Imediatamente trocaram a emissora. O maior problema era que coincidiu com a época de eleições, na segunda vez em que Lula venceu. Foi a única vez em que reclamei de alguma coisa, tomando o cuidado para não reclamar nada que os afetasse. Algum tempo depois – eu havia perdido a noção do tempo – trocaram o rádio por um reproduzidor com um *pot-pourri* meio minguido de três sinfonias de Beethoven: 4, 7, 8 e 9. Até hoje fico pensando de onde retiraram o CD, já que a 4 e a 8 são pouco tocadas, relativamente a outras.

Gostaria do acrescentar que, como tento trabalhar com pacientes, tentei não julgar os sequestradores. Julgamentos, fruto explosivo de desejo multiplicado com memória e entendimento, parecem-me nocivos.

Qual sua relação com Virgínia Bicudo e o grupo formado por ela em Brasília?

Virgínia Bicudo conheceu-me quando eu era pequeno. Adorava ser chamada de “Tia Virgínia”, e de vez em quando ia lá em casa. Quando passou a ser supervisora de casos de meu Pai, era a vez dele ir na casa dela, aos sábados ou domingos pela manhã. Usualmente levava-me junto. Virgínia estimulava tudo que percebia que me atraía e foi a única pessoa que viajava para a Europa que conheci naqueles tempos - e que meu Pai permitiu que me trouxesse alguma coisa: um carrinho de metal. Ela o convidou para lecionar na Santa Casa e para ajudá-la a formar a Revista Brasileira de Psicanálise, com José Nabantino Ramos e Luiz Galvão, e o Jornal

de Psicanálise. No Instituto, procurei-a para ser minha segunda supervisora oficial. Meu interesse por correlacionar a física moderna (de Einstein e Planck) e a psicanálise se originou pelo contato com ela. Virgínia proporcionou-me ainda a primeira oportunidade de publicar um artigo em um periódico psicanalítico, *Alter*. Recebeu-nos em Brasília, em congressos de Psiquiatria. Aceitou ser minha segunda supervisora oficial.

Não posso dizer que tive alguma relação especial com o grupo de Brasília, cuja fundação assisti à distância. Mas posso dizer que sempre tive enorme simpatia por pessoas deste grupo, geralmente correspondida: Luciano e Terezinha Lírio viraram personagens na casa de meus pais antes mesmo que eu os conhecesse; Ronaldo Mendes de Oliveira Castro adquiriu, para enorme surpresa minha, o primeiro exemplar do meu primeiro livro; Carlos de Almeida Vieira permitiu a primeira aproximação científica à minhas tentativas de escrever; Stella Winge acompanhou-me nos tempos de psiquiatria comunitária; José Nepomuceno, Sílvia Valladares, Regina Mota, Roberto e Taíza Jabur... Se isto não for simpatia mútua, então não sei o que vem a ser isto...

### **Pode-se afirmar que há uma psicanálise antes e depois de Bion?**

Só consigo conceber psicanálise depois de Freud. Graças à sua formação médica, ele deu corpo e encarnou uma tentativa dos gregos antigos, das Cabalas e outras heranças místicas hebraicas e cristãs, da Renascença tardia na Inglaterra e Alemanha, do Iluminismo e dos Primórdios do Movimento Romântico, canalizando para pessoas que sofriam uma atenção e cuidado absolutamente individuais, as aquisições de conhecimento sobre Mente e Verdade. Bion, em função disto, afirmava, sem nenhuma boutade – como desconfiou Green –, de que Psicanálise já existia antes que surgisse um Freud que pudesse nomeá-la. Se alguém se interessar em ler o penúltimo capítulo de *Cogitações*, não vai ter dúvidas sobre a opinião de Bion a respeito disto. Creio tratar-se de idolatria, achar que ele foi revolucionário. Penso que foi evolucionário. Acho que contribuiu, como Klein, Winnicott, Reik e Searles, para que a Psicanálise se desenvolvesse, sendo hoje mais ela mesma.

### **A clínica bioniana permite abordar patologias contemporâneas? Bion é contemporâneo?**

Para a primeira pergunta, eu diria que não. Pois não observo que existam patologias contemporâneas. A aparência externa das patologias psiquiátricas modifica-se temporalmente, assim como o modo de lidar com elas. Como ocorreu com as infecções e doenças degenerativas! Diagnosticar uma histeria de conversão hoje em dia oferece problemas diversos daqueles oferecidos na época de Kretschmer, Charcot, Janet e Freud. Como toda histeria, ela é muito plástica! O que hoje alguns psiquiatras andaram chamando de “síndrome do pânico” equivale, em minha experiência, às neuroses de ansiedade da psiquiatria hoje em desuso. Penso que as aquisições da ciência pertencem ao âmbito transcendental. Uma vez adquiridas, permanecem, desafiando tempo, espaço, nacionalidades, e qualquer *zeitgeist*. Penso que a teoria do continente/contido e as teorias de observação psicanalítica, como a aplicação da teoria matemática de Transformações e Invariâncias, vieram para ficar. Como as pirâmides no Egito, a teoria da relatividade de Einstein, a teoria da evolução das espécies de Darwin, a teoria do triângulo edípico e dos quatro instintos básicos de Freud (epistemofílico, de horda, instintos de vida e instintos de morte), e a teoria de movimentos contínuos entre as Posições, de Klein, e a teoria do objeto transicional, de Winnicott, vieram para ficar. Sem dúvida, serão sempre contemporâneas aos psicanalistas trabalhando com pacientes, enquanto houver psicanalistas trabalhando.

*Esta entrevista, aqui reduzida, será publicada na íntegra no próximo número da Revista Alter, no primeiro trimestre de 2014.*



*Paulo Cesar com sua mulher, psicanalista Ester Sandler*

# REFLEXÕES SOBRE A OBRA DE DR. PAULO CESAR SANDLER

*Carlos de Almeida Vieira*

“Qual o preço de percebermos quem *somos* na realidade? E de percebermos que podemos estar sobrevivendo sem viver, tentando ser quem não somos? Quando e como as formulações daquilo que *não somos* foram tomadas por aquilo que somos? Quando e como o nome de nossas mentiras foi tomado como se fosse descrição de nossa realidade? O desenvolvimento da obra de Bacon, Hobbes, Locke, Voltaire, Helvétius, Diderot, Kant, Goethe, em Freud, implicou deixar de considerar o princípio do prazer/desprazer como se fosse único, absoluto. E chegar ao seu contraponto, o princípio de realidade.”

Cito Paulo Cesar Sandler em “Não e Frustração”, no seu livro *Turbulência e Urgência – A apreensão da realidade psíquica*, Vol. 4 (Imago, 2000). Dr. Paulo Cesar Sandler é paulistano, médico, psicanalista e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Autor de vários livros de psicanálise em português e inglês, especialmente livros dedicados à obra de Wilfred R. Bion, analista contemporâneo, que desenvolve as teorias de Freud e Melanie Klein. Sandler é um autor sempre preocupado com a formação da pessoa do analista.

O recorte que faço aqui trata da *função do analista* nos escritos de Paulo Sandler, ao depurar e se debruçar sobre a obra de Bion, e em seus próprios estudos psicanalíticos. Referências, hipóteses, inferências e desenvolvimentos que Paulo, tal qual um músico de jazz, improvisa sobre o tema – a obra de Bion, seus ensinamentos, sua maneira contemporânea de pensar, suas advertências e seu passeio ao reler os clássicos, Freud e Melanie Klein, dando à psicanálise um estatuto de um saber vivo, humano, científico, artístico, místico e atual.

Paulo, já em sua *Introdução a uma Memória do Futuro*, provoca todos nós, analistas e analistas em formação: “Será que os fenômenos que Bion tenta descrever são fenômenos sim-

ples? Pode ser que as complexidades que muitas pessoas sentem nos livros e ideias de Bion também se devam à natureza destes mesmos fenômenos. Cada frase de Bion é plena de mensagens da aventura/desventura humanas. Bion as formula nas fronteiras da Percepção e da Verdade. (...) Paradoxalmente, Bion escreve sobre coisas simples – exatamente como a psicanálise, que é simples. O simples aqui está sendo entendido como elementar e básico. (...) Seus trabalhos mais antigos lançavam mão de novas palavras; ele desejava que estes termos pudessem permanecer vazios de significados... Nada de fotografias do fogo – mas o próprio fogo.”

Assim Bion nos é apresentado, e ele o é, um “subversivo”, moderno, atonal, preocupado em escrever e propor novos arranjos para a pesquisa psicanalítica e especialmente preocupado com a pessoa do analista. Assim como Debussy que, nas aulas no Conservatório de Paris, após os mestres conservadores darem classes de harmonias, escrevia suas novas harmonias, as frases que cognominou de “frases femininas, em aberto”, sem conclusão harmônica. Bion e Paulo, em sua leitura e elaboração, mantêm esse clima, de suspensão de conceitos fechados, saturados, preferindo um pensamento que se desenvolve a partir da experiência e observação da realidade factual e psíquica.

Outro dia, ouvia uma entrevista de Frei Chico, franciscano de Diamantina. Dizia de maneira simples e profunda: “A verdade não começa com a teoria”. A verdade começa com a experiência de observar a realidade sensorial e psíquica. Intuí nessas palavras que a *função analítica*, tema de um dos livros de Paulo, começa com a capacidade de cheirar, olhar, ouvir com a alma e não com os olhos da face, os pedaços, os caquinhos, fragmentos da linguagem do analisando. A partir de viver, experimentar a equipagem da função analítica, da

capacidade negativa (ausência de julgamento de valores), abstinência disciplinada, livres de fatores autoritários; da capacidade positiva (compaixão, verdade, capacidade de acolher a dor psíquica, tolerância aos paradoxos), nosso Paulo enfatiza a importância do desenvolvimento da função analítica. Será um desastre para nós, analistas, se lermos e ouvirmos tudo isso sem sentir cada palavra e conceito. Bion sempre frisou que uma coisa é fazer análise, outra é “sentir e experimentar análise”.

No nordeste há uma expressão, que ouvia menino, do querido afrodescendente Café – na vida a gente precisa ter “sofrenças”. Anos após, lendo Graciliano Ramos, encontrei a palavra escrita por sua pena – sofrença é quando a gente experimenta de corpo, alma e razão a alegria e a dor do viver; é quando a experiência atravessa por dentro o corpo e a alma.

Os livros de Paulo Sandler, traduzidos para várias línguas, têm importância vital para a formação e desenvolvimento dos analistas. Paulo, com cuidado, precisão de conceitos, com uma cultura humanística, filosófica, teórica, clínica e artística, oferece ao mundo psicanalítico uma obra que, a meu ver, já se faz necessária nos programas dos Institutos de Psicanálise. Faz uma releitura permanente da obra de Freud; traduz, clareia e realiza o pensamento bioniano; e reúne tudo isto com uma cultura nas áreas de filosofia, matemática, física, literatura, música.

Como meu olhar recai na preocupação com a formação de analistas, tema ao qual me dedico nos últimos anos, ressalto este trecho do segundo volume da obra de Paulo *A clinical application of Bion's concepts – Função analítica e a função do analista*:

“Destaco os sintomas das dificuldades ou falhas na função analítica: a “extensa paramnésia” do analista, teorizando para esconder a verdade de sua ignorância; pouca ou às vezes nenhuma capacidade de apreender e observar

a natureza alucinatória do fenômeno transferencial; a falta de reconhecimento de que a identificação projetiva é uma fantasia e a perda da capacidade intuitiva e observacional, transformando sua fala em respostas sedutoras, dando respostas formais. Ouso acrescentar que dificuldades como essas e outras, como pouca ou quase nenhuma capacidade para sonhar, associar livremente e manter a atenção flutuante versus uma psicanálise longitudinal, explicativa, às vezes pedagógica, têm transformado a prática psicanalítica numa pseudoanálise ou numa psicoterapia com “cara” de psicanálise.”

Os livros de Paulo, sua “fé” numa pesquisa permanente em busca da “realidade última”, o inconsciente, reforçam a ideia de que, nesses tempos da cultura do excesso, da descrença no pensar como experiência emocional, precisamos cuidar da nossa “paixão”. A psicanálise que Paulo nos passa em toda sua obra é viva, profunda, da relação analista-analisando e do cuidado com a observação clínica. Em sua leitura da contribuição de Bion à função analítica, Paulo destaca que: “O principal ponto que diz respeito ao analista é a evidência da experiência emocional dentro da sessão; aquilo que Freud falava do que “estava ocorrendo, o aqui e o agora”. Isso nos remete a considerar que a associação livre e a atenção flutuante dos dois parceiros; a experiência permanente de viver a transferência-contratransferência; o sonhar os sonhos não sonhados dos analisandos; a atenção e interpretação e os fenômenos de transformações, a importância da noção de continente-conteúdo, tudo isso requer um analista que esteja cuidando sempre da sua *função analítica*.”

Para falar de nosso autor, Paulo Sandler, recorro a metáforas da literatura – linguagem escolhida por Bion na *Memória do Futuro* para realizar seus pontos de vista acerca da psicanálise. Escolhi de três autores recortes

da arte de lidar com literatura e poesia; seus métodos de escrita e capacidade de observação do fenômeno humano; seus cuidados com sua paixão – a literatura.

Abrams, em *O Espelho e a Lâmpada, uma teoria romântica e tradição crítica* (Unesp), citando a metáfora de “transbordamento” de Wordsworth, escreve que a “dinâmica do transbordamento é inerente ao poeta e, talvez, fora do seu controle, entenda-se, vinda do inconsciente... transbordamento significa o interior transformado em exterior”. O interior pressionado para fora “como uma força estranha a nós”.

Na leitura dos livros de Paulo encontro uma postura e um cuidado com a arte de psicanalisar, e um método de escrita que me lembra João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos. Do primeiro, uma preocupação antecipada de “preparar de antemão o arcabouço do livro, o seu alcance, do que escrever aleatoriamente os poemas que irão lhe dar volume”. João Cabral de Melo Neto dedicou à filha Inez os versos seguintes: *Certa poesia, mesmo quando impressa/ guarda o ininteligível do pensamento/ ou a caligrafia original, e a compreensão/ precisa ser desentranhada da “letra de médico”./ O que é dito, o não dito, tem que ser decifrado/ ou adivinhado, mas nem tudo se esclarece:/ há mal entendidos, interditos, palavras e sentido/ incompreensíveis, lacunas, que perduram/ e perguntam sem remédio, sem receita.*

Do segundo, Drummond, o sentimento do mundo e a preocupação em procurar a poesia: *Penetra surdamente no reino das palavras/ lá estão os poemas que esperam ser escritos./ Estão paralisados, mas não há desespero,/ há calma e frescura na superfície intata./ Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário./ Convive com teus poemas, antes de escrevê-los./ Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam./ Espera que cada um se realize e consume/ com seu poder de palavra/ e seu poder de silêncio./ Não forces o poema a desprender-se do limbo./ Não colhas no chão o poema que se perdeu./*

*Não adules o poema. Aceita-o/ como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada/ no espaço./ Chega mais perto e contempla as palavras/ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse por resposta,/ pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxestes a chave? Repara: ermas de melodia e conceito/ elas se refugiam na noite, as palavras./ Ainda úmidas e impregnadas de sono,/ rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.*

Finalmente, do terceiro, Graciliano Ramos, o maior rigor da escrita literária de nossa Literatura, com que termino minha saudação a Paulo Sandler: *Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer.*



*Carlos de Almeida Vieira é presidente da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro titular e analista didata da SPB e da Sociedade Psicanalítica de Recife.*

# FATOS E FICÇÕES

SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER EM PSICANÁLISE

**Cláudia Carneiro**

Por força da atração que a palavra *escrita* exerce sobre mim, peguei um voo para Porto Alegre e tive o privilégio de participar do Primeiro Encontro Latino-americano de Escrita e Psicanálise, em outubro, organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Feliz experiência. “Escrita, narrativas e vida psíquica” foi um tema apetitoso para incentivar o intercâmbio de ideias, conhecimentos e percepções entre psicanalistas brasileiros, argentinos, uruguaios, venezuelanos, escritores e professores convidados, e outros profissionais interessados nesse debate.

Discutiu-se um tanto do muito: sobre a criação literária e o caminho da escrita em psicanálise; a experiência de escrever em psicanálise nas diferentes culturas latino-americanas; a potencialidade terapêutica da experiência literária; o relato clínico na escrita e suas repercussões éticas na cultura informatizada; o psicanalista e a escrita literária infantil. Na roda de conversa derradeira, os “restos da clínica” e a necessidade de escrever.

Por que escrevemos? Ora, para sermos lidos. Nem sempre. Às vezes se escreve não para ser lido, mas para escutar a si mesmo, causar a digestão de pensamentos não processados e transformá-los em substância elaborada, útil à mente do analista. Falou-se da necessidade de escrever para “processar toxinas” – estas produzidas, sempre, pela experiência emocional de uma realidade ocorrida. Entre analista e paciente, entre o analista e seus botões. Penso (e aqui escrevo para pensar) que uma experiência analítica, impossível de ser comunicada em sua forma pura, propicia um berço de ideias. O instante da experiência já se foi, o que resta é pegar a nova ideia pelo pé, segurá-la antes que escape. E na transformação da experiência analítica em escrita a ideia é esticada, dela se criam filhotes que podem tornar-se ideias adultas, substanciosas, acabadas ou não.

Escreve-se por encantamento, por sedução, solidão, inquietude. Pelo testemunho. Por generosidade a quem se dispõe a ler. Não importa tanto, afinal, qualquer motivo serve para escrever. O psicanalista e escritor Celso Gutfreind (SBPdePA), que sabe contar histórias que brincam com crianças e fazem

ninar gente grande, provocou-nos com sua escrita instigante e afetiva: “Haverá uma forma menos literária de tratar-se?” Escrever, comentou, não se explica, implica-se.

A psicanálise, em seu desenvolvimento e difusão, sempre dependeu da escrita como gênero literário. Sua transmissão não seria possível sem a capacidade dos analistas de criar metáfora. Recurso inseparável da verdade da experiência analítica, na única forma em que esta pode ser comunicada ao leitor. Como observa Thomas Ogden no livro *Esta arte da psicanálise* (Artmed), citando Arnold Weinstein, a escrita analítica “transforma fatos em ficções”. Enquanto fato, a experiência analítica traz uma verdade inefável. “É somente quando fatos tornam-se ficções – prossegue Ogden na citação – que eles se tornam reais [na experiência de leitura]”.

Se a escrita da clínica é um relato na forma de narrativa, pois nunca se contará o ocorrido (indizível), a pergunta se faz diante das questões éticas que surgem ao psicanalista na transmissão da experiência analítica ao leitor: por que publicar algo que não pode ser publicado? Arrisco uma não-resposta: sem interlocução não há psicanálise.

Sobre o valor da interlocução, cabe-me agradecer a experiência compartilhada pelos colegas do encontro, em especial a Léa Masina, Gley Costa, Celso Gutfreind, Helena Surreaux, Bernardo Tanis, Júlio Campos, Astrid Müller Ribeiro; e a hospitalidade das amigas Léia Klöchner e Ane Marlise Rodrigues.



*Cláudia Carneiro é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# ENCONTRO COM UMA JOVEM

*Ignez Sankiewicz*

Joana entra no consultório como muitas vezes: emburrada, rebolando, indiferente a mim, como se eu estivesse distraída de sua pessoa e de seus movimentos.

– Bom dia, Joana – ela não me responde. Digo-lhe então:

– Eu observo que você, no início da sessão, dá sempre um jeito de fazer a mesma coisa. Penso que essa coisa repetida (ritual) você parece não querer mudar. Sabe, estou pensando que você acha que sua professora, sua mãe e eu não prestamos atenção em você.

Joana me olha repentinamente e diz: – Essa sou eu – e me entrega uma folha de papel com um rosto desenhado.

Pego o papel, olho com interesse para o desenho e comento:

– Nossa! O cabelo parece muito com o seu.

Joana me encara e, ligeira, como se as palavras saíssem de sua boca sem querer, deixa escapar:

– Minha mãe toma mais conta de meus irmãos e eu é que sou a “doente”.

– Doente? – Pergunto-lhe.

– É. Eu tenho raiva dela porque tenho que subir escondida para brincar de boneca. Ela diz que não enxergo a idade que tenho.

Mas nós duas sabemos bem a sua idade. E prossegue:

– Ela diz que eu não sei a matéria e sou boba.

– E você também acha isso?

– Eu não. Porque tiro a média.

Ocorre-me a ideia e prontamente lhe digo: – Olha, *não saber e não conhecer* não significa ser ignorante.

– Minha mãe mandou eu sorrir quando entrasse aqui.

– Mas aqui não precisa sorrir.

– Eu sei. Eu hoje não quero escrever nem ler.

Nova ideia: – Então vamos desenhar? – e lhe entrego papel e lápis. Devolve-me o papel

com o desenho, em seguida recolhe-o e diz:

– Eu estou brincando. Todos estão sem cabeça, menos eu!

Coloca cabeças nos corpos desenhados. Faz ainda um segundo e um terceiro desenho e os entrega a mim.

....

Estamos mais íntimas e escuto-a dizer:

– Hoje não vou escrever, nem ler.

– Quer pintar? Já faz algum tempinho você não mexe com tintas.

– Não. Hoje eu quero conversar.

Espalhada na cadeira, a menina Joana entoou seu conto.

– Minha mãe não conseguiu tirar-me da cama. Não fui à escola. Acordei às dez horas.

– Ah, é? Que vida boa!

– É, mas perdi a aula de música, que eu gosto. Aí foi ruim.

– Só a de música? – pergunto-lhe, esperando que prossiga sua pequena história.

– Não. Também a de teatro. Azar!

– E tinha mais alguma aula?

– Ah, o resto era tudo chato e tinha trabalho de casa.

Joana me encoraja: – Então você, além de perder o que gosta, fica no prejuízo porque não vai levar o trabalho amanhã.

– Eu não vou pedir a ninguém.

– E porque não?!

Desta vez, é Joana quem se encoraja: – Olha, Ignez, eu não tenho telefone deles. De testo turma de pirralhos, são santinhos, não fazem bagunça e obedecem em tudo a chata da professora. Não sei como a Gabi aguenta aqueles alunos novos que entraram esse ano. Eu não aguento aquelas crianças.

– Como você sabe que não aguenta?

– Ignez! – volta-se para mim com olhar perplexo, surpresa com a minha pergunta.

– Porque eu já sei tudo da minha vida: vou estudar mesmo detestando a escola, vou casar, ter filhos, dinheiro e pronto.



Sustento: – E como você sabe que tudo vai acontecer desse modo, só porque esse é o seu desejo? Será que você quer ser igual à sua mãe?

Joana tem as razões para seu aborrecimento na ponta da língua: – Não quero ser igual a ninguém e se não casar também não vou ser freira porque não vou aguentar, né? Eu quero mudar de turma. Essa turma é muito quieta. Eu gosto de fazer bagunça, brigar. Eu acabo o dever antes deles e ninguém quer conversar.

Então lhe pergunto:

– Ninguém quer conversar... Não será porque eles ainda não acabaram?

– Eles são moles, moles e... babacas – responde ela sem titubear.

Joana mantém meu interesse desperto. Ali, juntinho dela, continuo minha investigação: – Ou será que são moles e cuidadosos?

– Sei lá.

Surge-me nova ideia: – E se você levar um livro para ler enquanto eles acabam o trabalho?

– Ignez – Joana parece agora mais aborrecida. – Eu já te disse que detesto a escola. Minha mãe já me disse isso e eu perguntei a ela: Mãe, você está louca?

No mesmo tom incrédulo, Joana me faz saber de sua chateação: – Ignez, eu detesto a mulher que indicou você para minha mãe. Quando minhas férias acabaram, minha mãe me avisou que eu vinha fazer um atendimento com uma pedagoga para não repetir outro

ano. Eu fiquei com muita raiva.

– Sim, mas você vem sempre, é pontual e consegue trabalhar.

– Sabe, às vezes eu gosto daqui. Às vezes não.

– Não se preocupe com isso. É assim mesmo. O importante é você não faltar.

Assim terminou a conversa daquele dia.

Eu acompanhava o desenvolvimento daquela adolescente, hoje engenheira, que não gostava da rotina da escola e pensava que dela não precisaria para tornar-se adulta. Essa e outras fantasias rolavam na mente onipotente de Joana, que repetia o ano pela segunda vez e não gostava de pirralhos.

Joana vai aprendendo e vendo o mundo e a realidade deste, bem diferente daquele que tinha na cabecinha cheia de ilusões.



*Ignez Sankievicz é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# A OPACIDADE da mente

## A FORMAÇÃO COMO PERCURSO EM DIREÇÃO AO CENTRO DE UM LABIRINTO

*Isa Paniago*

Estou na sala de espera. Na parede ao lado da porta, um quadro. Nele, um quarto escuro. Na frente uma porta levemente aberta, de onde uma luminosidade insinua presença. Penso como essa fresta ora desperta, inquieta, ora acalma. Ficar... entrar... deixar entrar... ficar. Esperar. Penso nessa imagem como representação do processo de uma sessão de análise. Nesse momento, encontro-me absolutamente submersa nas ideias sobre o funcionamento da mente e do trabalho analítico. Estimulada pela escuridão – ou pelo fecho de luz? – penso em opacidade.

**Opacidade. Ausência de luz.**

Na verdade, essa ideia tem-me ocupado nos últimos anos da minha formação, onde me sinto muito influenciada pelo conhecimento da teoria do pensar de Bion. Percebo que esta influência é possibilitada pela vivência atual da minha análise pessoal. A formação naturalmente nos coloca diante dos aspectos éticos e técnicos do trabalho de análise. Ao longo desse tempo, venho sentindo maior segurança para me libertar da bagagem teórica talhada por longos anos de estudos e pesquisas, no momento em que estou atrás do divã. Esse momento coincide com a disponibilidade alcançada em análise para as questões mais desconhecidas e primitivas da minha realidade interior. O desconhecido que habita em mim. O *Unheimlich* lembrado por Freud como o assustador, estranho e familiar.

Não importa em que lugar se esteja, no divã ou atrás dele, é a obscuridade da mente que se espera, sob pena de nunca descobrir nada além do que já se sabe. Num lugar, ou noutro, a angústia se instala quando a fresta emitida pelos temas apresentados nas sessões não é suficiente para alcançar lugares mais longe, mais adentro, que tragam sossego para a carga da vida mental. O que o analista espera? O que

o analisando espera? Esperar...

A experiência proporcionada pela formação em psicanálise, com sorte, nos levará a esse lugar opaco, que com o tempo há que ser percebido como possibilidade. Não uma opacidade como a do espelho recomendada por Freud, porque não ficamos menos angustiados com esse desconhecido do que quando estamos deitados no divã. Mas, uma opacidade reconhecida como realidade. Volto a pensar agora na metáfora do quarto escuro, com uma porta levemente aberta. Sala escura. A sala de análise, cuja porta, passo a ter domínio, eu deixo entrar, e já começo a ter tolerância com a escuridão, com o opaco, porque descobri que cada encontro é sempre um novo encontro, há sempre uma nova opacidade a ser atravessada, ou simplesmente vivida.

Saber psicanálise, no momento mais inicial desse aprendizado, é inundar-se de luz, em toda extensão do que exige a formação – análise didática, supervisão e estudo. Afinal de contas, mesmo com suas idas e vindas, suas descobertas e dúvidas, Freud nos desvenda o inconsciente a partir dos sonhos, da vida cotidiana, dos chistes, dos tabus e do totem, do mal-estar, da primeira tópica, da segunda tópica, das pulsões, opacas e luminosas e seu mais além!

Permanecendo em análise é possível descobrir que a regra da atenção flutuante, contrapartida do pedido de que se associe livremente, não serve apenas para contar como certo que um dado ato falho, por exemplo, apareça, porque não é certo que esse "dado" ato falho traga significados ou desdobramentos imediatos numa sessão. Isso pode demorar. A ideia de que o conhecimento sobre a formação do inconsciente e da técnica psicanalítica seja suficiente para o trabalho de análise logo se torna equivocada. Mesmo Freud já descobrira

que o inconsciente tem uma opacidade que ele, poeticamente, denominou de umbigo do sonho. Ou seja, a preparação para essa profissão impossível há que passar também por outros registros. Assim, não resta dúvida de que é possível seguir as luzes emitidas pela mente escura, mais precisamente, pelo inconsciente. Mas há um tempo e uma condição diferenciados para esse encontro de mentes.

*Descobrir esse tempo requer disciplina. E a disciplina pode se sustentar na fé da resposta criativa do próprio inconsciente, ensina Bion. Esse aguardar é fruto de um processo longo e árduo, que surge da possibilidade de ter vivido em análise a opacidade da própria mente, o que me permite, quando atrás do divã, dar voz ao desconhecido em meu analisando. Mas essa ideia muda toda a minha compreensão até aqui. Permite-me enxergar a inversão da perspectiva na metáfora da fresta de luz no quarto escuro!*

Como psicanalista, não é a luz o que tenho quando meu analisando chega (ou quando me deito no divã), mas a escuridão, a escuridão que é dele e é minha. É a escuridão que espero; a opacidade, o desconhecido. O que chega é a fresta – presença – que me diz de estados sensoriais, os quais podem ou não me levar à opacidade da mente, ao mundo interno do meu analisando que lhe é opaco. Então descubro: o que sei não me “garante” acesso ao seu inconsciente, o que me “garante” psicanalisar é poder tolerar a escuridão da mente, o desconhecido, junto com ele.

Tal como minha lembrança do quadro na sala de espera me ajuda a iniciar esse ensaio, percebo como intuitivamente venho introjetando esse estado de mente que tem me ajudado no dia a dia como psicanalista. Diante daquela imagem, sinto-me dialogando com a fresta que insinua presença: fico, deixo entrar,

entro? Preciso falar sempre a partir do quarto escuro. A observação começa em mim. Afinal, sei, o que tem me proporcionado tornar-me psicanalista é o acolhimento e o descobrimento do que há de opaco em minha mente por uma outra mente tolerante.

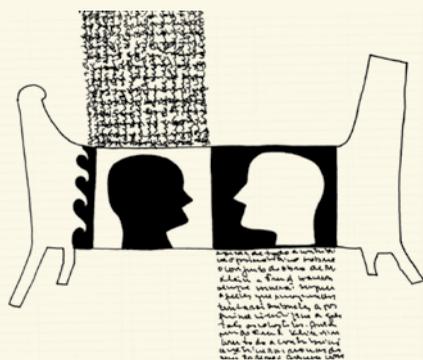
Esse percurso ainda me é angustiado. Mas hoje, de uma maneira bem diferente de tempos passados, porque hoje é bastante suportável ser apenas o que sou. Ser o que sou me permite acessar as dimensões do meu mundo interior, ou que essas dimensões venham em meu socorro no momento em que escuto meu analisando. Seja em forma de imagens, de *rêveries*, para que eu possa ajudá-lo em seu processo de descobrimento.

A formação em toda sua dimensão tem me ensinado que é possível viver, com cada um de meus analisandos, pequenas ou grandes turbulências, a cada dia, ou de tempos em tempos, mas com a memória da minha vivência de análise, em que experimentei o conforto da integração depois do caos. Por diversas vezes...

Com o tempo, venho aprendendo a permanecer no quarto escuro. É claro que podendo contar com as frestas!



*Isa Paniago é psicóloga e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBs.*



*No jogo com a escrita, perdi-me sempre.*

MIA COUTO